

MEMÓRIAS DE UMA DOCENTE COM DEFICIÊNCIA FÍSICA NA UNIVERSIDADE FEDERAL

SILVA, Izaura Maria de Andrade da – UFPB – izamarasi@gmail.com

Resumo

O texto apresenta um relato pessoal e reflexivo sobre a trajetória de uma docente com deficiência física, evidenciando tanto os desafios quanto os avanços vivenciados ao longo de sua trajetória no magistério superior. Por meio da narrativa de suas vivências, a autora compartilha memórias do trabalho que entrelaçam sua história de vida com os percursos acadêmicos, revelando aspectos marcantes dessa jornada e contribuindo para o debate sobre inclusão no contexto universitário. Ao longo do relato, ganham destaque as tensões e dificuldades vivenciadas na intersecção entre o exercício da docência e a condição de deficiência física. Tais experiências revelam os esforços contínuos para superar barreiras físicas, atitudinais e institucionais. A autora expõe os enfrentamentos cotidianos que exigiram não apenas adaptações pessoais, mas também transformações no olhar e nas estruturas da própria instituição. A construção do texto se apoia em experiências concretas, analisadas à luz de referenciais teóricos que problematizam o preconceito e os paradigmas que norteiam a relação da sociedade com a pessoa com deficiência. O entendimento de preconceito de Amaral (1998) mostra como as tradições culturais estão presente na maneira de ver e lidar com o mundo e de Walber; Silva (2006) discutem os impactos do paradigma da integração na vida das pessoas com deficiência. Os resultados indicam que, principalmente no início da carreira predominaram as práticas de integração nas quais as necessidades específicas da docente eram silenciadas, exigindo sua adaptação ao meio, mesmo em um período marcado pelo discurso da inclusão. No entanto, à medida que a convivência com colegas e estudantes se intensificou, emergiram questionamentos e reflexões que impulsionaram mudanças significativas nas atitudes individuais e nas práticas institucionais. Essas vivências demonstram que a convivência e o diálogo são fundamentais para superar prática excludentes e caminhar no sentido de promover mudanças na cultura e desenvolver prática inclusiva no ensino superior.

Palavras chaves: pessoa com deficiência física, ensino superior, memórias

Introdução

Neste artigo relato minha memória do trabalho no ensino superior na condição de pessoa com deficiência física. A questão da deficiência perpassa várias dimensões da minha vida. Em nível pessoal, vivencio-a em relação às sequelas da poliomielite que me atingiu, aos 18 meses de vida, passando a delimitar, em parte, o meu desenvolvimento psicomotor. Consequentemente, tive que enfrentar os desafios decorrentes dos problemas postos pela sociedade contemporânea em relação à questão da diversidade. De acordo com laudo médico, apresento diparesia dos membros inferiores e deambulo com auxílio de órtese e muletas canadenses, em casa e em alguns ambientes, utilizo cadeira de rodas. Na dimensão profissional, atuei 7 anos, na área da educação, na Fundação Centro Integrado de Apoio ao Portador de Deficiência (FUNAD), instituição vinculada à Secretaria de Educação e Cultura do Estado da Paraíba, responsável pela promoção de políticas relacionadas às pessoas com deficiência nas áreas mental, auditiva, visual, física e múltipla, bem como em relação aos programas de prevenção e capacitação de recursos humanos. No que diz respeito ao ensino superior tenho 14 anos de experiência, sendo que 12 desses atuando na formação de professores no curso de pedagogia na área de educação especial. Em termos acadêmico, desde a graduação até o doutorado pesquiso questões relativa à pessoa com deficiência. Minha monografia tratou a formação no movimento de pessoas com deficiência. No mestrado, o trabalhador com (d)eficiência física nas áreas de assentamento rural e no doutorado, políticas de educação profissional para pessoas com deficiência. Outra experiência significativa foi a participação, há mais de 20 anos, no movimento de luta pelos direitos das pessoas com deficiência

Como a deficiência não pode ser vista de forma primordial e isolada com determinante da constituição do sujeito. Vou contextualizá-la num conjunto das relações sociais. E a melhor forma de fazer isso será através da narrativa da história das minhas memórias.

Em 2012, assumi como professora visitante da UFMG, na Faculdade de Educação. A faculdade tinha passado por uma reforma recente e todos os

espaços eram acessíveis, as salas de aulas eram equipadas com datashow e sistema de som e havia apoio para a condução do computador até o ambiente. Nesta instituição, além de lecionar a disciplina Educação Inclusiva, atuava no Grupo interdisciplinar em Educação Inclusiva e Necessidades Educacionais Especiais (GEINE). Como grupo de pesquisa e extensão realizamos diversas atividades de formação

Em 2015, fui selecionada no concurso para o professor no Centro de Educação na UFPB. O curso de pedagogia oferece uma área de aprofundamento em educação especial com carga horária de 240 h, e ainda uma disciplina no tronco comum para todos os discentes, também atende demandas de algumas licenciaturas e outros cursos como fonoaudiologia. Integrei a equipe para responder essas demandas. Fui efetivada na universidade com cinquenta anos. Esse percurso não tem sido fácil, enfrentei e enfrento diversas barreiras para o ingresso e a permanência na universidade;

Enfrentei as angústias comuns a todo professor iniciante: uma carga intensa de disciplinas diversas que exigiam estudo constante e aprofundamento para lecionar com qualidade. Além desses desafios, fui alocada em salas distantes do Centro de Educação, o que me obrigava a percorrer longos trajetos, muitas vezes carregando equipamentos como datashow, computador e cabos — já que esses recursos não estavam disponíveis em todas as salas. O ambiente destinado aos professores ficava no segundo andar e mesmo assim não havia salas disponíveis para os recém ingressados

Tenho consciência de que, no início, silencieei diante das barreiras enfrentadas. Procurei contorná las da melhor forma possível, adaptando-me as condições que eram oferecidas. Não questionei. Poderia ter me rebelado diante da locação em sala distantes, podia ter justificado minha dificuldade de locomoção, mas calei, acomodada a essa sociedade que não reconhece o direito a diferença.

Apesar de vigorar o paradigma da inclusão, as práticas eram de integração.

A integração social, tem consistido no esforço de inserir na sociedade pessoas com deficiência, desde que elas estejam de alguma forma capacitadas a superar as barreiras físicas, programáticas e atitudinais existentes. A integração constitui-se em um esforço unilateral, tão-somente da pessoa com deficiência e seus aliados, ou seja, a integração pouco ou nada exige da sociedade. (Walber; Silva, 2006, p. 34)

Na época, duas jovens professoras efetivas, diagnosticadas com esclerose múltipla, precisaram se afastar de suas funções devido à falta de acessibilidade. O centro não dispunha sequer de uma cadeira de rodas para emergências, e as barreiras arquitetônicas estavam presentes em praticamente todos os espaços da universidade.

Nesse contexto, foi admitida uma professora com cega. A indignação com o afastamento das docentes e a convivência com profissionais com deficiência provocaram uma importante discussão sobre acessibilidade, que culminou em mudanças significativas de atitudes e práticas institucionais. Foi adquirida uma cadeira de rodas, disponibilizado ambiente para professores no térreo, e as salas passaram a ser alocadas no próprio Centro de Educação, reduzindo os transtornos causados pelos deslocamentos.

O companheirismo e a cooperação dos colegas, especialmente os da área de Educação Especial, foram fundamentais para o desenvolvimento das minhas atividades. Destaco aqui meu primeiro projeto no Programa de Licenciatura - Prolicen, intitulado *Inclusão se faz assim*, desenvolvido com o apoio de uma professora da área. O projeto tinha como objetivo oferecer formação inicial complementar aos licenciandos da UFPB, contemplando saberes essenciais para práticas pedagógicas inclusivas na Educação Básica, por meio de Ciclos de Debates. Essa parceria foi decisiva para minha inserção nos espaços de pesquisa e extensão da universidade.

Desde meu ingresso na UFPB, participo ativamente do Comitê de Inclusão e Acessibilidade (CIA), uma assessoria especial vinculada ao gabinete da Reitoria, cuja missão é promover políticas de acessibilidade pedagógica, arquitetônica, comunicacional e atitudinal na instituição. Entre suas ações, destacam-se o Programa de Apoio ao Estudante com Deficiência, cursos de formação para docentes e eventos voltados à temática da inclusão.

De 2018 a 2022, coordenei o Núcleo de Educação Especial (NEDESP), órgão suplementar do Centro de Educação que oferece apoio pedagógico a pessoas com deficiência e desenvolve atividades de pesquisa e extensão. O núcleo realiza serviços de adaptação, transcrição e revisão de textos acadêmicos do formato tinta para Braille e vice-versa. Também promove cursos de formação em Braille, audiodescrição, orientação e mobilidade, voltados à

comunidade interna e externa da UFPB, além de oferecer suporte pedagógico a estudantes com dificuldades de aprendizagem.

Outro fator que contribuiu para meu processo de adaptação foi o engajamento em programas de monitoria, que colaboraram com o transporte e organização de equipamentos em sala de aula, além do acompanhamento de alunos em risco de evasão ou com dificuldades de aprendizagem. No entanto, só integrei ao programa de monitoria em 2019, três anos após minha posse na universidade.

Na universidade, sou constantemente acompanhada por um fantasma: o receio de não conseguir atingir os objetivos propostos pela instituição. Esse sentimento, acredito, é alimentado pela expectativa negativa e pelo descrédito que ainda recaem sobre o trabalhador com deficiência — marcas persistentes de uma cultura impregnada de preconceito e capacitismo.

Como aponta Lígia Amaral (1998), o capacitismo, o preconceito com a pessoa com deficiência, se manifesta por meio de ideias parciais e equivocadas que atuam como filtros da nossa percepção. Eles distorcem o olhar, o ouvir, o tocar, impedindo que nos relacionemos com o outro em sua plenitude. Em vez disso, nos conectamos com estereótipos: imagens congeladas, fixas e errôneas, perpetuadas e reforçadas pelas tradições culturais. Esses preconceitos estão inscritos na própria estrutura da sociedade, moldada para atender a um padrão específico de indivíduo — e isso se reflete diretamente na organização dos espaços que habitamos.

Penso, com apreensão, nas dificuldades que enfrentarei quando precisar utilizar uma cadeira de rodas. A universidade, como tantas outras instituições, ainda não oferece acessibilidade adequada para pessoas cadeirantes. As barreiras físicas estão por toda parte. As condições de trabalho e estudo, tanto para professores quanto para alunos, são precárias. Falta investimento na criação de ambientes mais inclusivos, funcionais e acessíveis — espaços que respeitem a diversidade humana em sua totalidade.

Considerações Finais

Minha trajetória como aluna e educadora foi no sistema público de ensino. O que comprova a capacidade desse sistema de acolher e educar as pessoas com deficiência. Entretanto tenho ciência que falta muito ainda para que nossas

escolas e entre elas a universidade, sejam de fato inclusivas. É preciso superar diversas barreiras de cunho político, pedagógico, arquitetônico, atitudinais na direção da organização de uma universidade para todos. Barreiras que não envolvem só as questões específicas da pessoa com deficiência, mas passa pela constituição de uma escola de boa qualidade para todos. Isso exige a participação da pessoa de deficiência nos diversos espaços de luta, seja nos movimentos do segmento, seja naqueles que buscam uma educação de qualidade e uma sociedade justa e fraterna para todos

Referências

AMARAL, Lúgia. Sobre crocodilos e avestruzes: Falando sobre deficiência física preconceito e sua superação AQUINO, Julio Groppa (org.). **Diferenças e preconceitos: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus, 1998

WALBER, Vera B.; SILVA, Rosane N. As práticas de cuidado e a questão da deficiência: integração ou inclusão? **Estudos de Psicologia I Campinas I 23(1) I 29-37 I janeiro-março 2006**

Eixo 1: As pessoas com deficiência na Universidade: relatos de experiências